

## **Rasuras em redutos escondidos: discursos e identidades a partir de grafitos de banheiros**

*Scratches in hidden reduces: discourses and identities through bathroom graffiti*

**Saulo Lopes de Sousa<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este estudo, de caráter quanti-qualitativo, analisa os grafitos produzidos por estudantes em banheiros de escolas públicas do ensino médio, como possibilidade de representação de discursos e comportamentos do público frequentador desses espaços. Para isso, metodologicamente, os escritos foram fotografados, catalogados de acordo com suas temáticas, agrupados e analisados por categorias. As análises tiveram como fundo teórico as contribuições de pesquisas acerca da Escrita latrinária, dos Estudos da cultura, da Análise do discurso e dos Estudos de letramento. Como resultados, aponta-se que as materialidades discursivas de banheiros visibilizam representações e categorias de enquadramento cultural/identitário passíveis de serem descritas, interpretadas e analisadas. Igualmente, os espaços dos banheiros escolares são lócus de produtividade discursiva, cuja substância linguística é propícia à ressignificação e à investigação científica.

**Palavras-chave:** Expressão discursiva. Imaginário cultural. Grafitos de banheiro. Identidade.

**Abstract:** This quantitative-qualitative study analyzes the graffiti created by students in public high school bathrooms, as a possibility of representation of discourses and behaviors of the public attending these spaces. For this, methodologically, the writings were photographed, cataloged according to their themes, grouped and analyzed by categories. The analyses had as theoretical background the contributions of researches about Latrine Writing, Culture Studies, Discourse Analysis and Literacy Studies. As a result, it is pointed out that the discursive materialities of bathrooms make visible representations and categories of cultural/identity framework that can be described, interpreted and analyzed. Likewise, the spaces of the school bathrooms are a locus of discursive productivity, whose linguistic substance is conducive to resignification and scientific research.

**Keywords:** Discursive expression. Cultural imaginary. Bathroom graffiti. Identity.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal do Maranhão (IFMA).

## Introdução: das cavernas aos boxes

A escrita adquiriu, ao longo de seu desenvolvimento, estatuto valorativo no que se refere à efetivação da língua. Tem-se o despontar dessa evolução gráfica já nas pinturas rupestres, “pinturas essas que são os primeiros indícios de escrita, ou seja, proto-escrita, pinturas rupestres que transmitiam mensagens através de desenhos, conhecidos como pictografia” (Rocha, 2016, p. 13). Na contemporaneidade, a escrita adquiriu contornos que apontam para a fluidez célere de informações inaugurada pela aldeia global. Dessa maneira, o sistema gráfico atual acolhe novas posturas linguísticas para transmitir diferentes significados.

Como distintivo de sociabilidade e de pertencimento ao coletivo, a necessidade da comunicação conduziu o homem a escrever para além dos interiores escuros das cavernas. Hoje, qualquer local ou superfície são aproveitados como suportes físicos à inscrição de mensagens, o que leva a concluir que as condutas atuais de grafismos nada mais são do que reminiscências de comportamentos sociais de outrora.

Em se tratando de prática escritural, a evidência mais sensível nos dias presentes, por certo, sejam os grafitos de banheiro<sup>2</sup>: “Grafitos de banheiros, também denominados de escritas latrinárias, são inscrições produzidas em banheiros públicos. Essas produções são realizadas preponderantemente nas portas, mas também ocorrem em outros lugares, tais como as paredes e o teto” (Teixeira, 1998, p. 230). Na obra de Barbosa (1986), *Grafitos de banheiro: a literatura proibida*, pioneira nos estudos brasileiros de escritos latrinários, há um conceito mais abrangente do termo, a partir da noção exposta por Luiz Beltrão:

São inscrições, pinturas e desenhos toscos, traçados por pessoas geralmente não-identificadas, em paredes, árvores e outras superfícies mais ou menos duras e utilizando lápis, carvão, tintas, estiletos e outros objetos pontiagudos, com finalidade de transmitir mensagens aos transeuntes ou usuários dos locais em que se encontram gravados. A palavra vem do italiano *graffito* e tem origem greco-latina: *graphein* (escrever) e *grafhium* (gravado com estilete) (Barbosa, 1986, p. 79).

A Antiguidade Clássica testemunha que, desde há muito tempo, as pessoas utilizavam espaços públicos e privados para darem vazão aos seus dizeres. As escavações da antiga cidade de Pompeia (79 a.C.), por exemplo, mostram que as “intervenções nas paredes ou parietais,

---

<sup>2</sup> No Brasil, por exemplo, poucos são os pesquisadores que se debruçam sobre o assunto, talvez, por ainda vigorar o pressuposto de que os banheiros são espaços “à margem”, destinados à escatologia e, portanto, apartados do organismo social. Em contrapartida, as pesquisas acerca desse tipo de produção, tais como a de Barbosa (1984), Teixeira (1998), Couy (2005), Santos (2013), Matias (2014) e Barboza (2018) revelam a atualidade e a urgência da problemática, pois trazem à baila a possibilidade de se considerar o banheiro de escola um lugar social e discursivo de inscrição do ser.

além de numerosíssimas, provinham de todos os grupos populares da cidade, de camponeses a artesãos, de gladiadores a lavadores” (Funari, 1989, p. 28).

Os cidadãos pompeianos, e também os romanos, costumavam rabiscar, em grego, as paredes dos banheiros de casas e de espaços públicos, como banhos e termas. Conforme Neto (1992, p. 18), era comum encontrar obscenidades grafadas, “desenhos pornográficos, da genitália masculina, por exemplo, algo que os banheiros modernos também ostentam”. Apesar de o apelo sexual ser o assunto mais tratado nesse tipo de inscrição, Funari (1989, p. 31) informa que havia uma diversidade de temas trabalhados: “Os mais recorrentes referem-se às campanhas eleitorais; os poemas amorosos, jocosos, satíricos, irônicos são também muito frequentes. Assinaturas, insultos, caricaturas e trocadilhos espalham-se por todas as paredes”.

Nos primórdios, os banheiros foram projetados para corresponderem à funcionalidade que lhe é devida, ou seja, à higienização e à assepsia do corpo: “Lugar de banho (do lavar-se) dedicado, basicamente, à higiene. [...] Lugar da nudez (do despir-se) sobre o qual se diz ir ao vestiário” (Couy, 2005, p. 37). Entretanto, o local veio, paulatinamente, adquirindo outras denominações: “Lugar solitário, excluído, marginal. Lugar de exílio, de clausura” (Couy, 2005, p. 37). No estado atual das civilizações, o espaço do banheiro ganha ares de confessionário: o confinamento do território, apartado de olhares outros, confere às pessoas a liberdade e o anonimato para externarem conteúdos inconfessáveis em locais publicamente habitados, ou então “discursos que estão em ampla circulação também *fora* do banheiro, e apesar de abjetos, não são mais tão inconfessáveis assim” (Barboza, 2018, p. 14).

Para Santos (2012), os grafitos possuem potencial para significar diferentes dizeres aos frequentadores de banheiros: “[...] temos que considerar os impactos destas produções em distintos egos, gerando significados diversos” (Santos, 2013, p. 84). Nessa perspectiva, os temas dos grafitos agenciam-se mediante a maneira como são processados, projetando, com isso, as intenções comunicativas nos efeitos produzidos. Assim posto, os grafitos são, ao mesmo tempo, registros de forma e conteúdo:

Grafitos trazem sentidos que resignificam (sic) artisticamente a subjetividade, despregam-se de um corpo ou uma mente, uma intenção ou ato estético, para dotarem-se de vida como “fragmentos autônomos desta subjetividade” ou ainda “componentes de subjetivação”, que interagem e se relacionam à inteligência e às formas de expressão e desejos, já que são fractais que viram sujeitos de interação (Santos, 2013, p. 86).

Uma vez que parte do substrato subjetivo de seu produtor para se congrega, ele próprio, em autonomia discursiva, o grafito de banheiro torna-se *agente social*, posto que “[...] não se limita ou referencia-se em alguém, ele mesmo diz, age no mundo e faz agir, e comunicando

interage e compõe sujeitos” (Santos, 2013, p. 87). Por serem fraseados picturais e alicerçarem-se numa sintaxe de composição, os grafitos preservam o princípio da fluidez discursiva, na qual as mensagens não permanecem engessadas, mas acionam a interlocução dos passantes nos banheiros. Ao entrarem em contato com tais escritos, esses leitores podem corresponder à intencionalidade pré-estabelecida ou, então, responder inusitadamente ao proposto, fiando, assim, uma malha textual mais densa.

No caso dos grafitos, temos a interação (ou busca dela) por parte dos indivíduos que abandonam fragmentos de sua subjetividade expressos de formas diversas em um local íntimo (o banheiro), onde não poderão ser recombinaados a ponto de “remontá-lo”, liberando-os para interações próprias com resultados imprevisíveis pelo “produtor” (Santos, 2013, p. 92).

A sociedade dita os códigos morais de conduta minimamente aceitáveis para o convívio coletivo, e infringi-los é um ato de transgressão. Acerca da utilização do banheiro escolar, existe uma série de normas institucionalizadas pela direção de ensino para o bom uso do espaço. Uma delas, obviamente, é a conservação limpa do local, destinado apenas à realização de necessidades fisiológicas e de higiene pessoal. Por outro lado, o que se detecta na prática do grafismo é justamente o caráter transgressor do ato: “seus autores não são meros usuários passivos e, dessa forma, acabam infringindo as normas de utilização do espaço, mesmo que se trate de um que não é reivindicado por ninguém” (Silva, 2017, p. 117).

Conforme a exposição de Sperling (2011),

Escrever e desenhar no banheiro significa uma transgressão, mas nessa transgressão se encontra organização e regras. Colocar certas temáticas na parede do banheiro também pode ser considerado como aceitação de que estes assuntos não deveriam ser discutidos em outro contexto, pois tudo que aparece na parede do banheiro faz parte do excluído (Sperling, 2011, p. 19).

Nisso reside a transgressão: os usuários de banheiros escolares, em sua maioria, alunos, destituem as propriedades originalmente projetadas desse espaço para constituírem-no em válvula de escape à manifestação de dizeres pertencentes à esfera do íntimo. Há de se convir que o caráter transgressor dos grafitos é imputado devido ao teor das mensagens transmitidas, bem como ao nível de linguagem empregado, ambos coabitando o lugar escatológico emudecido pela cultura. Temáticas socialmente intoleráveis e “marginais” só poderiam encontrar refúgio para expressão nos redutos de um banheiro de escola:

O banheiro emerge, então, como um espaço desprivilegiado, que não é frequentado por prazer e que tampouco confere *status* a quem o frequenta. Por isso, acolhe a linguagem marginal. Recebe em suas paredes aquilo que não tem espaço fora dali: xingamentos, confissões, manifestações de desejos (Silva, 2017, p. 118).

O que está em jogo, portanto, na dinâmica latrinária é o entendimento de que tudo o que é censurado nos contextos socialmente aceitáveis (e, aqui, se insere o ambiente educacional) impregna-se nas superfícies do banheiro como manifesto de comunicação e liberdade. Ao mesmo tempo, os sujeitos que ali se expressam levam em conta a cultura do grupo e as relações sociais de que participam, portanto, clarificam aspectos muito particulares de suas identidades.

A propósito, identidade, cultura e linguagem são três instâncias que mantêm profunda conexão. No âmbito da crítica cultural, por exemplo, a questão da identidade é amplamente discutida, sobretudo, neste século, em que se fazem notar as metamorfoses pelas quais as sociedades passam. Nesse particular, cabe dizer que a noção de identidade também acompanha esse compasso, já não comportando em si a utópica concepção de identidade indivisa, como outrora apregou o sistema iluminista. Hall (2006, p. 13), um dos mais expressivos pensadores da identidade cultural, assevera que a “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.

Sob essa ótica, no cerne dos Estudos Culturais (Hall, 2006; Bhabha, 2005), descarta-se a visão cartesiana e, em vez disso, concebe-se a identidade como processo, ditado pelo crivo das transformações socioculturais. Com tais mutações, transfiguram-se também as acepções de mundo e os sistemas culturais, fragmentando, assim, o sujeito nas múltiplas formas de identificação. É mister, nesse sentido, a constatação de Bhabha (2005, p. 76) de que “a questão da identidade nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca como uma profecia *autocumprida* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem”.

Também pela linguagem – produto do contexto de produção – o indivíduo toma consciência de sua identidade e a manifesta, histórica e ideologicamente. É, então, a partir do discurso, entendido como dispositivo linguístico que viabiliza a expressão de sentidos, que o sujeito se insere nas relações socioideológicas, em todas as suas nuances, pois o sujeito é o ser que enuncia a partir de condicionantes não-conscientes, com base no lugar social que ocupa.

Se é verdade que, no discurso, as formações ideológicas e identitárias de seus produtores são materializadas, a Análise do Discurso (AD) pode servir de decodificação das categorias que as compõem, como processo de investigação das construções ideológicas que subjazem à superfície textual ou discursiva. Em todo o caso, o procedimento analítico de um discurso não se interessa pelo *quê* do texto, e sim pelo *como*:

A questão que ela [AD] coloca é: como este texto significa? [...] Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade (Orlandi, 2010, p. 17-18).

Brandão (2004) informa que os processos discursivos vertem a produção de efeitos de sentido no discurso, e que a língua é a materialidade em que tais efeitos se realizam. Como se percebe, é nesse domínio da linguagem que o sujeito lança seu olhar sobre o mundo, como ainda se projeta nele, manifestando o que de mais pessoal lhe constitui. Por outro lado, um discurso não se engessa tão somente a um sujeito específico. Pelo contrário, a AD, no lugar de conceber o discurso propriedade de um único indivíduo, tende a “considerar sua enunciação como o correlato de uma certa *posição* sócio-histórica na qual os enunciadorese se revelam substituíveis” (Maingueneau, 1997, p. 14, grifo do autor). Por esse motivo, a AD é propícia para se sondar as manifestações discursivas dos grafitos de banheiros, pois, nesse percurso, parte-se das expressões linguísticas particulares dos jovens para a correlação com seus papéis identitários em grupos sociais.

Compor o retrato atual da massa juvenil brasileira mediante as práticas discursivas que semeiam é o esforço empreendido por Abramo (2005), na obra *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. Nela, a autora alerta para a real condição do jovem brasileiro, tomando como ponto de partida a concepção de juventude na contemporaneidade. Na atual configuração sociocultural, urge compreender a juventude como uma etapa de dilatação, em que prevalecem, além de “deveres e direitos de produção, reprodução e participação [...], possibilidade de vivência e experimentação diferenciada” (Abramo, 2005, p. 41 e 69).

Nesse contexto é que os grafitos de banheiro despontam como caminhos possíveis para os jovens tornarem manifestas suas identidades e as dicotomias que as transpassam. Pais (2006), em prefácio à obra *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, expõe coerente verificação do *modus operandi* com que a cultura juvenil tenta se adequar às estruturas flutuantes do intercâmbio social. Segundo o pesquisador,

[...] entre muitos jovens, as transições encontram-se atualmente sujeitas às culturas *performativas* que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os cotidianos juvenis. [...] os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe (Pais, 2006, p. 7).

Em virtude das incessantes dualidades que povoam o imaginário e o comportamento dos jovens, sobretudo, dos estudantes secundaristas, a expressão dos grafitos de banheiros escolares ganham relevo performático, ao iluminarem tentativas de grupos juvenis não de se

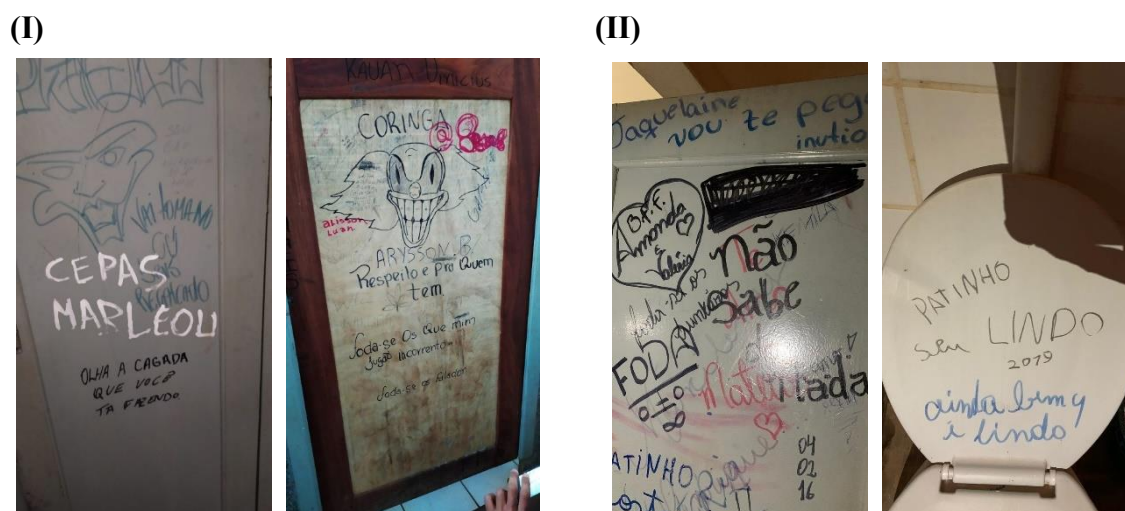
encaixarem nos moldes sociais impostos, mas de confessarem as agruras existenciais para se enquadrarem numa tipologia cultural que nem sempre corresponde às suas experiências de vida.

Teixeira (1998) aponta que os grafitos de banheiros, taxados pelo senso comum como espécie de escrita aleatória e acidental ou ato de vandalismo, na verdade, configuram uma profícua fonte de pesquisa, podendo ser explorados em diferentes abordagens científicas, como a linguística, a sociológica, a histórica e a psicológica. Além disso, em virtude dos agentes envolvidos e dos condicionantes de produção, seu estudo pode contribuir para a análise de especificidades socioculturais das relações humanas. Isso posto, torna-se de fundamental importância repensar os banheiros escolares não mais como local de solidão e excreção, mas, sobretudo, como espaço de visualização de adolescentes em processo de constituição cultural e identitária, cujos fragmentos de discursos merecem ser ressignificados.

### Um pouco de método

O levantamento de dados *in locus* ocorreu em duas escolas públicas de ensino médio<sup>3</sup>. Na coleta do material, os grafitos foram documentados por meio de registro fotográfico e compilação (Fig. 1), organizados por escola/banheiro e classificados como inscrição verbal ou gravura.

**Figuras 1 (a. b. c. d.):** Grafitos registrados nas Escolas A (I) e B (II).

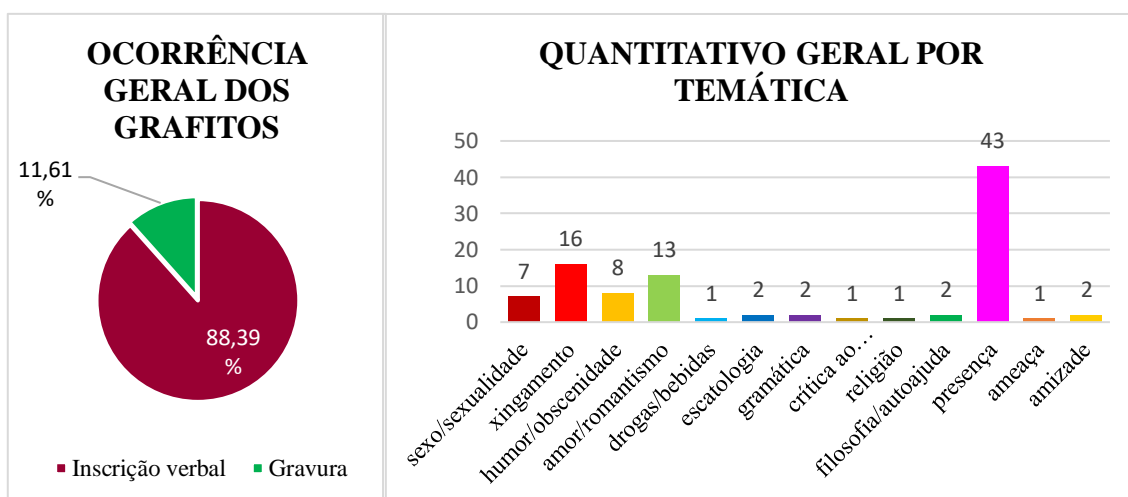


**Fonte:** Registros feitos pelo autor

<sup>3</sup> Obtivemos autorização para divulgar a identidade de uma das escolas. A outra preferiu manter seu nome em sigilo. Nesse sentido, para sistematizar o estudo, iremos denominar aquela por **Escola A**, e esta por **Escola B**.

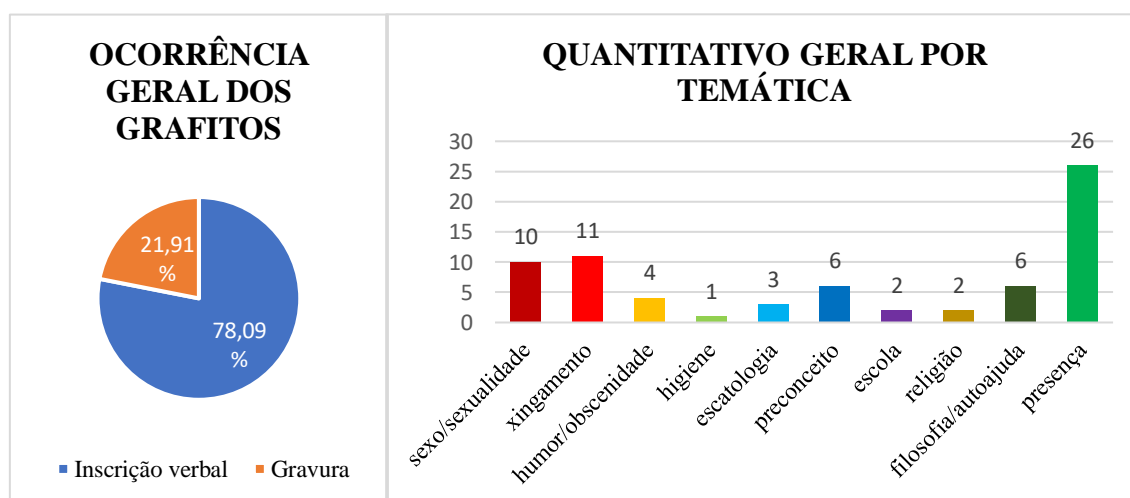
Em seguida, as inscrições verbais foram alocadas em uma categoria específica (Graf. 1 e 2), de acordo com sua temática. A mesma classificação foi aplicada às gravuras. A fim de que os grafitos tivessem classificação única, todas as categorias são mutualmente excludentes, a depender da predominância do assunto. Vale ressaltar que a documentação dos grafitos foi feita nas ocasiões em que não havia estudantes utilizando os banheiros, no interesse de preservar o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

**Gráfico 1:** Tabulação dos dados coletados na Escola A



Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 2:** Tabulação dos dados coletados na Escola B



Fonte: Elaborado pelo autor



A partir desses dados, a análise documental foi feita com base no método indutivo:

Nesse método, partimos da observação de fatos ou fenômenos cujas causas desejamos conhecer. A seguir, procuramos compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles. Por fim, procedemos à generalização, com base na relação verificada entre os fatos e os fenômenos (Prodanov; Freitas, 2013, p. 29).

Tal aspecto exploratório permite construir modelos gerais ou teorias explicativas a partir de um conjunto sistemático e descritivo de dados. Balizados pelas teorias críticas dos Estudos Culturais e da Análise do Discurso, os grafitos foram analisados, para depreender sentidos reveladores da cultura e identidade dos seus produtores. Então, diante dos conteúdos cartografados, buscou-se delinear traços específicos da população de estudantes de cada escola e, assim, conhecer experiências interpessoais e constituintes identitários de um recorte da cultura jovem.

### **Mural de intimidades**

Diante da perspectiva de que a investigação de grafitos de banheiro pode revelar aspectos da cultura e da identidade de seus produtores, a análise apresenta uma tentativa de esboço do perfil sociocultural e identitário dos estudantes frequentadores dos espaços sanitários pesquisados. Para tanto, as considerações analíticas tomam os aspectos temáticos mais recorrentes na tabulação dos grafitos, considerando as ocorrências separadamente<sup>4</sup>.

Para esse fim, buscou-se empreender a abordagem dos registros latrinários à luz da Análise do Discurso. A apreciação crítica, doravante apresentada, sonda como os processos enunciativos observados nos banheiros das escolas promovem a (des)construção de aspectos socioculturais dos agentes produtores de grafitos, uma vez que o discurso “é ação que transforma, que constitui identidades” (Orlandi, 2004, p. 28).

A atividade discursiva insufla a construção da subjetividade, ao mesmo tempo em que é espaço de materialização das formações ideológicas. Nesse sentido, o conhecimento do suporte linguístico dos grafitos, com vistas às cargas ideológicas extralinguísticas, permite conhecer os constituintes da identidade desse grupo social – isto é, dos estudantes secundaristas

---

<sup>4</sup> Vale dizer que os banheiros das escolas foram denominados a partir do binarismo que foi constatado nas dependências das instituições de ensino, isto é, banheiros masculinos e banheiros femininos. Nesse sentido, o viés de gênero, aqui, se apresenta no âmbito da identificação dos espaços, para melhor sistematização das análises feitas, o que não significa que concordamos com algum tipo de reprodução de estereótipo ou discriminação. Em que pese as pautas identitárias de gênero e questões do não binarismo (por exemplo, as escolas pesquisadas não possuem banheiros para pessoas trans), o estudo tem por foco central os objetos linguísticos catalogados nos espaços sanitários, de maneira que o impacto repousa sobre o conteúdo dos grafitos. Cultura e identidade jovens são, portanto, os domínios epistemológicos do trabalho, estando problematizações de gênero para além das limitações da pesquisa, muito embora defendamos a validade de pesquisas acadêmicas para subsidiar ações de educação sexual e saúde pública.

das escolas pesquisadas – e seu contexto sociocultural, pois, segundo Orlandi (2004, p. 31), “[...] não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia”.

Partindo, então, dessas premissas, na Tabela 1, observam-se os atributos identitários referentes aos sujeitos produtores de grafitos coletados na Escola A, com base nas categorias latrinárias de maior incidência.

**Tabela 1:** Aspectos identitários e socioculturais da Escola A

Banheiro Feminino	Banheiro masculino
Romantismo	Romantismo
Obscenidade	Obscenidade
Humor	Protagonismo
Protagonismo	Sedução
Provocação	Informação

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A análise discursiva dos grafitos catalogados<sup>5</sup> revela que o público do banheiro masculino possui como características identitárias sobressalentes o *romantismo*, a *obscenidade*, as marcas de *presença*, a disposição *sedutora* e a preocupação em dar *avisos*. Por outro lado, registros verbais românticos e obscenos, elogios e avisos mostraram-se bastante parcos e, por certo, revelam a inibição do produtor do banheiro masculino em visualizar o espaço como local livre e propício a expressar assuntos íntimos.

“Evelin Te Amo”  
 “AMANDA PUTA”  
 “Gostasas”  
 “4º ANO SÓ TEM GOSTOSA”  
 “Pesquise: love fuck”  
 “E.A.E – Estamos na área”  
 (Escola A, B. M.)

Isso se confirma na própria ocorrência de grafitos de presença, em que a grande maioria referenda nomes tipicamente femininos e escassos nomes de feição masculina:

“Evyllle”  
 “PAULA”

<sup>5</sup> Os grafitos verbais analisados foram reproduzidos, aqui, tal como apareceram na fase de compilação, conservando-se a tipografia e a estilística de seus produtores.

“AMANDA”  
“RAYANE”  
“ALICIA”  
“Fernanda”  
“EDUARDO”  
“BEATRIZ”  
“BIA”  
“RODRIGO”  
“Brenda”  
“Hemersson”  
(Escola A, B. M.)

Nesse particular, a estranheza do aparecimento de nomes tipificados como femininos no banheiro destinado ao público masculino se justifica pela possível existência do anseio em confessar instâncias de ordem amorosa, diante do acanhamento na lida com tais contextos. Assim, escrever o grafito com o nome feminino seria, para o produtor masculino, uma maneira de externar a esse destinatário (feminino) seus sentimentos velados, uma via de escape às pressões sociais que engessam a masculinidade em paradigmas de desprendimentos de cargas emotivas. Percebe-se, portanto, que o perfil identitário masculino desconstrói a impetuosidade da juventude, especialmente dos rapazes.

Tais textualidades desses sujeitos propalam uma identidade que vai na contramão do discurso apregoado socialmente e alinhada a “uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno” (Hall, 2006, p. 34), que dita o ser homem como figura resistente a traços de sentimentalismo. Na privacidade dos sanitários – espaços que favorecem a liberdade e o anonimato, onde “[...] detidos em seu isolamento e exilados do mundo exterior, tramam segredos, dão vazão a seus prazeres solitários” (Couy, 2005, p. 39) –, esses jovens poderiam dar vazão a anseios pessoais, no caso, conquistas amorosas. Por outro lado, a identidade masculina parece estar dividida entre as cargas subjetivas e as pressões da ideologia social. Assim posto, os atos discursivos que emanam de seus grafitos de presença evidenciam não o desejo de protagonismo, de autoafirmação, mas o comportamento de sujeitos às voltas do autoconhecimento, da busca de si:

A procura de contato é também uma *busca de si*, uma vez que as identidades individuais se constituem como resultado de experiências individuais, embora surgidas de ritualizações próprias de identidades coletivas. [...]. Num domínio de alteridade generalizada, as buscas de si aspiram, também, a um reconhecimento ante os demais (Pais, 2006, p. 18).

Assim posto, é possível entrever no perfil identitário e cultural do público frequentador do banheiro masculino uma espécie de ‘tentativa de desabrochar’, marcada por propensão ao relacionamento amoroso ou aos jogos de conquista, ainda que com certa resistência ou timidez.

Os poucos registros encontrados, que, na sua maioria, revelam mensagens com a presença acentuada de nomes femininos – ao que tudo indica, feitos pelos próprios meninos – parecem apontar para essa necessidade de se reconhecer diante dos demais grupos, de se firmar enquanto masculinidade que, ao mesmo tempo, conserva suas próprias aspirações. Aliás, em tempos tão líquidos como os vigentes, é mister constatar que a “identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2006, p. 12-13).

O público do banheiro feminino, por sua vez, parece se sentir mais desinibido para expressar seus pensamentos, ou até menos bloqueado pela direção escolar a subverter os espaços sanitários: “Reprime-se o grafito não exatamente pelo teor das suas mensagens, mas sim porque, ao contrário dos demais veículos de comunicação, suas formas de manifestação não são facilmente controláveis” (Barbosa, 1984, p. 82). Propiciamente, a direção do estabelecimento de ensino participou aos pesquisadores a dificuldade que tinha em inibir a produção de grafitos: mesmo com campanhas informativas e reparos com pintura nas paredes dos banheiros, os registros continuaram a ser feitos. Tal revelia à figura reguladora da direção é, nesse caso, reflexo das tensões institucionais que o ambiente escolar, naturalmente, representa, sobretudo no binômio *indivíduo-sociedade*. Inegavelmente, os grafitos que aqui são analisados sinalizam “o desejo de firmar identidade, a necessidade de manifestar sentimentos pessoais” (Barbosa, 1984, p. 82).

Diante do *corpus* analisado, o público do banheiro feminino apresentou como aspectos identitários de maior recorrência o *romantismo*, a *obscenidade*, tons de *humor*, o *protagonismo* e tendência à *provocação*.

Chama a atenção o fato de haver muitos grafitos de xingamento, associados a obscenidades. No total, 24 registros foram catalogados. Em contrabalanço, observou-se a existência de inscrições amorosas/românticas e grafitos que tratavam de sexo/sexualidade. De manifesto conhecimento, “o uso do palavrão é um termo que não é aceito pela convenção social para a figura da mulher e a sua utilização em público é socialmente sancionável” (Pinheiro, Menezes; Freitas, 2020, p. 261). Historicamente, foi introjetado no imaginário social o resguardo linguístico que o sujeito feminino deve manter acerca do tratamento de assuntos de teor sexual ou que envolva explicitude erótica. Por esse viés, à mulher cabem somente o recato e a mudez passiva:

A permissão ou interdição de pronunciar palavras-tabu está relacionada à construção dos papéis dos falantes na sociedade: homens e mulheres “de respeito” não pronunciam palavrões [...]. O próprio exercício da sexualidade tem viés de gênero: o

sexo para homem é visto enquanto natureza ontológica e faz parte da sua natureza, diferente da mulher que é visto enquanto ato passivo e vinculado à afetividade [...] (Pinheiro; Menezes; Freitas, 2020, p. 248).

Nesse particular, o público do banheiro feminino, enquanto grupo minoritário, se vale da produção de grafitos como válvula de escape, diante das fortes pressões sociais. Assim, as *palavras-tabu* (grafitos de xingamentos e obscenidades) produzidas por esses indivíduos são, discursivamente, armas subjetivas de afirmação no cenário de preeminência masculina.

Nítidamente, observa-se, na produção desse tipo de grafito, uma postura transgressora referente ao padrão de conduta socialmente apregoado ao gênero feminino, sobretudo, no que diz respeito a matérias sexuais.

“Maylana puta”  
“Suellen Rapariga”  
“Solange Boqueteira”  
“Valéria vadia puta”  
“Camila é puta”  
“Brenda”  
“Hemersson”  
“Foda”  
“Pau no cu, disse...”  
“Amakakla vai dá o cu”  
(Escola A, B. F.)

De insultos a expressões chulas, o discurso, nesse espaço, é usado como instrumento de subversão da ordem institucionalizada, ao remanejar a posição do feminino, pois os atos discursivos agem sobre o comportamento social, objetivando modificá-lo: “O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber-discursivo, o já-dito)” (Orlandi, 2010, p. 40).

Alinhavada ao interdiscurso da obscenidade, a enunciação latrinária dos sujeitos do banheiro feminino envereda pelo humor, com inscrições que abordam a escatologia<sup>6</sup>:

“Proibido cagar + de 500g”  
“Proibido cagar mais de 13kg”  
(Escola A, B. F.)

O discurso humorístico trabalha, essencialmente, com o desnudamento daquilo que é *feio*, de aspectos vis e degradantes da sociedade como mecanismo de correção comportamental dos indivíduos: “O objeto da comicidade é o feio, em qualquer das formas sob as quais aparece”

---

<sup>6</sup> Interessante pontuar que há duas acepções para o vocábulo: escatologia (do grego *éskhatos*, “extremo, último”) como implicação teológica do fim dos tempos, e escatologia (do grego *skatós*, “excremento”) relativo à excreção ou a obscenidades. Nesse estudo, os grafitos em questão associam-se ao segundo significado do termo.

(Freud, 2017, p. 17). Desse modo, por debaixo das máscaras sociais escondem-se o *feísmo* da condição humana, seus vícios e suas mazelas, e o cômico, ao descortiná-lo pelo expediente do risível, produz efeitos de reajuste dos costumes, pois a audiência é capaz de identificar-se com a situação retratada.

No caso acima, a fealdade é associada à sujidade dos excrementos. Na contramão da brancura asséptica, o banheiro como lugar de excreção aciona o pensamento e a visualização daquilo que é sujo e abjeto, por isso “ao grafito só caberia mesmo ser tomando como escrita suja, escrita que emporcalha. Daí as falas que se posicionam contra o dejetivo” (Couy, 2005, p. 71-72). Por outro lado, o teor cômico dos grafitos incide sobre a delimitação da quantidade de fezes a ser liberada, marcada pela expressão “Proibido”. Por esse discurso coercitivo, entende-se que seus produtores assimilam a ideia de que à mulher compete a máxima observância das práticas higiênicas, no que se refere à contenção fisiológica, pois a mensagem dos grafitos deixa entrever que a excreção em grandes volumes é comportamento masculino. Isso revela, de certa forma, a demarcação de gênero no espaço do banheiro e as regras de comportamento a serem seguidas em suas dependências.

Um fato curioso é que, dentre os grafitos observados, alguns se destacam por abordarem uma espécie de disputa por um indivíduo denominado “Patinho” (Fig. 2). Acredita-se que o clima de rivalidade entre os sujeitos frequentadores gire em torno dessa pessoa, o que provavelmente seja um dos motores da ocorrência dos muitos xingamentos registrados. Também se considera a competitividade do espaço como fator decisivo na produção considerável de grafitos de presença como indicativo de “demarcação de território”. Isso fica evidente pelas marcas de batom nas paredes.

“Thainá Lima 2019”

“Vitória Alves 2019”

“Valéria Silva”

“Taciane Marmita”

(Escola A, B. F.)

**Figura 2 (a. b. c.):** Grafitos (inscrições) do banheiro feminino – Escola A



**Fonte:** Registros feitos pelo autor

Na figura 2, por exemplo, estabelece-se um esboço de interlocução entre os produtores dos grafitos que tenciona o conflito gerado pela figura do Patinho:

“AS NAMORADAS DO PATINHO É TUDO CORNAS 2019”  
 “Vcs que dá cú para o Patinho só dá vagabuda”  
 “tá com inveja que vc não foi dele”  
 (Escola A, B. F.)

Nessa espécie de diálogo, os interlocutores, do lugar discursivo que ocupam, principiam um jogo estratégico de ação e reação, “um jogo em que o discurso é ao mesmo tempo instrumento e efeito do poder” (Barbosa, 1984, p. 32), em que se objetiva o domínio de seu ponto de vista ante os demais. O primeiro grafito já alardeia uma afronta às parceiras do garoto-foco da discussão, por assim dizer. Fica nítida a constatação de que Patinho possui muitos relacionamentos conjugais, consentidos ou não por suas companheiras, devido à beleza do jovem, como constata os grafitos da Fig. 2b:

“PATINHO seu LINDO 2019”  
 “ainda bem q é lindo”  
 (Escola A, B. F.)

Em seguida, um segundo produtor intensifica o grau de ofensividade, insinuando que o público daquele espaço, de modo geral, nutre o desejo de manter relação sexual com o garoto. Contudo, o terceiro registro confronta as ideias apresentadas pelos anteriores, utilizando um contradiscurso: as injúrias dispensadas, na verdade, não passariam de reflexo da frustração dos agressores por não terem, eles próprios, vivenciado um relacionamento – ao que tudo indica, sexual – com Patinho. Nessa resposta também se presumem duas possibilidades: 1) o sujeito

emissor é uma das ‘namoradas’ de Patinho e se vale desse artifício para menosprezar as rivais; ou 2) o sujeito emissor não é uma das ‘namoradas’ de Patinho, mas critica a atitude dos demais em difamar suas parceiras por ressentimento em não o ter conquistado. Considerando o contexto e as condições de produção dos grafitos, o discurso, nas três ocorrências, é visto como “[...] a possibilidade de lograr ante os demais uma efetividade retórica” (Pais, 2006, p. 18), dado que os sujeitos femininos, aqui, almejam obter resultado de dominação, por um lado, e de resistência, por outro.

Diante desses fatos, pode-se chegar à conclusão de que o perfil identitário e cultural do público frequentador do banheiro feminino é mais intenso na expressividade de suas emoções e ideias, sobretudo, em matéria de conquista amorosa. O preceito social de que “mulher não deve falar palavrão”, aqui, é completamente subvertido, e as meninas externam, sem qualquer interdição, o furor de seus pensamentos, principalmente, quando o que está em jogo é a sedução de um indivíduo do sexo oposto. Dessa forma, as garotas se valem dos artifícios de que dispõem para poder ganhar a atenção do parceiro, ao mesmo tempo em que se sobressaem, afirmativamente, ante as adversárias.

Na Escola B, os grafitos coletados revelaram os seguintes aspectos identitários e culturais dos públicos frequentadores dos banheiros:

**Tabela 2:** Aspectos identitários e socioculturais da Escola B

Banheiro Feminino	Banheiro masculino
Inexistente	Obscenidade
	Humor
	Protagonismo
	Difusão*

**Fonte:** Elaborado pelo autor

De antemão, constata-se que o banheiro feminino não apresentou qualquer inscrição latrinária, sendo os registros coletados unicamente no banheiro masculino. Essa constatação leva a crer que os frequentadores do banheiro feminino, nesta escola, são mais resistentes à prática do grafito, por dois hipotéticos motivos: 1) o público feminino assimila com maior conscientização as políticas administrativas de conservação dos espaços; 2) o público feminino confere ao grafito uma aura de vandalismo, mais propenso a ser cometido por meninos. Em matéria de comportamento, pode-se, ainda, cogitar a premissa de que, nesse caso, o público



feminino manifesta “[...] vergonha, pudor ou nojo de coisas que não convém expor socialmente. [...] Coisas que de alguma forma desarrumam a ordem da cultura e que precisam ser escondidas” (Barbosa, 1984, p. 44).

Já o público frequentador do banheiro masculino manifestou como principias ocorrências identitárias a *obscenidade*, o *humor* e o *protagonismo*. O aspecto *difuso* assinalado no perfil diz respeito a grafitos que não apresentaram temática específica ou reconhecível, ou ainda que continham mensagens incompletas. Dessa forma, a discussão tomará os outros aspectos apontados.

Tal como os alunos da Escola A, o público masculino da Escola B produz mensagens com teor obsceno/sexual, inclusive, por meio de desenhos fâlicos e de intervenção em avisos institucionais:

**Figura 3 (a. b.):** Grafitos (gravuras) do banheiro masculino da Escola B



**Fonte:** Registros feitos pelo autor

É expressivo o número de grafitos que tematizam a sexualidade, ora explícita, ora associada a cargas de comicidade

“eu já te comi”  
“ESCREVI E SAI CORRENDO PAU NO CU DE QUEM TA LENDO  
ASS: FERRERINHA  
(meu pau na sua beirinha)”  
“Ela pediu pra por so a cabecinha, mas pika nao tem ombro DISGRAÇA”  
(Escola B, B. M.)

Percebe-se, por esses registros, que o perfil dos frequentadores apresenta como característica marcante a afirmação da masculinidade simbolizada pelo falo, “não enquanto simplesmente pênis ou um mero equipamento da anatomia masculina, mas enquanto um símbolo do poder sociopolítico construído culturalmente” (Barbo, 2008, p. 84). Os traços ideológicos associados ao órgão sexual masculino lhe conferem fator de prestígio, força, poder e ainda expõe importância simbólica na atualidade, pois resgata a histórica presença do falocentrismo no agenciamento do poder masculino sobre os partícipes da dinâmica social.

Referências explícitas à genitália masculina (“pau”, “pika”) e formas verbais ativas (“comer”) ratificam a construção social dos corpos e configuram, no campo discursivo, a lógica da dominação masculina: “A diferença *biológica* entre os *sexos*, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros*” (Bourdieu, 2002, p. 20, grifos do autor). Então, a virilidade identificada na representação do pênis, tanto nos grafitos verbais quanto nas gravuras, é símbolo do enaltecimento do ser-*homem*, ao mesmo tempo em que trabalha para a manutenção do primado da masculinidade. É também um mecanismo de controle/policiamento da própria identidade ante os ditames sociais de comportamento aplicados ao ser masculino.

Na mesma via, a simbologia da penetração fálica, como se observa na Fig. 3a, surge como outro indício da supremacia e afirmação da identidade masculina:

A penetração, sobretudo quando se exerce sobre um homem, é uma das afirmações da *libido dominandi*, que jamais está de todo ausente na libido masculina. Sabe-se que, em inúmeras sociedades, a posse homossexual é vista como uma manifestação de “potência”, um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade “feminizando” o outro) (Bourdieu, 2002, p. 31).

Nitidamente, tem-se a percepção de que esse traço identitário da vivência sexual, bem como do papel do pênis para a masculinidade, é marcante no perfil do público masculino da Escola B, pois, nessa fase de desenvolvimento, é mais provável que aconteçam as primeiras experiências sexuais, quando também a construção social da subjetividade masculina é alicerçada. Não por acaso, os grafitos de presença são predominantes no espaço sanitário masculino que, diferente do observado na Escola A, representam a autoafirmação da identidade masculina. Inescapavelmente, os resvalos dessa proeminência identitária recaem no discurso de intolerância conservadora para com grupos minoritários (LGBTQIA+):

“david”  
“MAKEN ARAUJO”  
“FERRERINHA”  
“ALEX”  
“alison luan”  
“kauan vinivius”  
“arysson.b”  
“perdão sou do turno matutino e me chamo ithalo Thiago e sou do 3 ano”  
“RUAM SILVA VIADO”  
“JOSÉ é VIADO e vaneso”  
“JOSÉ: VIADO, covno, gay”  
“Breno Amorim é viado”  
“joel viado”  
(Escola B, B. M.)

Assim, os xingamentos, no âmbito dos banheiros, intercalam dizeres em relação aos outros, usando o subterfúgio da homossexualidade estigmatizada como instrumento de difamação da imagem de terceiros. Por esse motivo, aqueles que manifestam tal opção sexual o fazem no anonimato do espaço sanitário, cientes do campo de represália no qual escrevem (e se inscrevem):

“Eu estudo aqui no CAIC a tarde. O Eu sou gay mas nao [ilegível]. do o cú escondido chupo BEM mas não mim manifesto OK”  
(Escola B, B. M.)

Por outro lado, Barbosa (1984) chama a atenção para o fato de o “enrustido” ou o “recalcado” serem personagens muito recorrentes nos escritos latrinários, ao ponto de a totalidade de inscrições ser produzida apenas por homossexuais “assumidos”. Desse modo, a rivalidade heteronormativa dos grafitos de xingamento supracitados poderia estar apontando para uma situação de desejo reprimido de indivíduos não-homossexuais, como bem denuncia o grafito que segue:

“vai tomar no cú seus recalcado”  
(Escola B, B. M.)

O conteúdo desse último grafito nada mais é do que uma constatação: a de que as identidades são fluidas e móveis, pois, no caso específico, põe em xeque a noção-piloto de heterossexualidade masculina ante um constituinte do desejo homoerótico. Portanto, coabitam no perfil identitário e cultural do público masculino as convenções institucionalizadas de masculinidade e discursos que vão na via oposta da cultura dominante. É nesse sentido que se pode pensar o espaço público-sanitário dos grafitos como uma “selva discursiva”, na qual vozes e ideologias da heteronormatividade social disputam hegemonia com os discursos minoritários, almejando, ambos, consolidar suas verdades. Urge, portanto, ressignificar a escrita latrinária, a

partir de seus contextos de produção, seus discursos e sujeitos produtores – os jovens estudantes –, pois “as identidades são também uma questão de linguagem” (Pais, 2006, p. 18).

### **Considerações finais**

Tão urgente quanto pensar as práticas educacionais vigentes é refletir sobre as práticas sociais que se inserem no espaço escolar, especificamente, o trânsito de discursos e ideologias que os estudantes secundaristas absorvem e/ou disseminam. Nesse particular, os grafismos de banheiro de escolas públicas despontam como exímios receptáculos de vivências e experiências de seus sujeitos produtores, portanto, objetos profícuos para estudo das relações socioculturais e identitárias desses indivíduos.

Tais práticas linguísticas realizadas na localidade do banheiro articulam o contexto da cultura e da identidade jovens, haja vista constituírem formas de interlocução perpassadas por subjetividades, ao mesmo tempo em que podem alçar-se como problematizadoras de questões mais amplas, representativas de grupos sociais. Assim posto, estudar a sociabilidade “clandestina” do banheiro e suas expressões grafitadas se torna essencial como expediente para se entender de que modo esses espaços e manifestações agenciam as identidades e as novas produções de significado.

Diante da apreciação crítica dos dados coletados, sobre temas-objetos como identitarismo, espaços de manifestação, expressão e representação cultural de sujeitos, sobretudo ligados à condição de juventude, a pesquisa mostrou a importância da análise de grafitos como revelador da diversidade e complexidade de sujeitos, corpos e espaços, pois esses registros funcionam como uma intervenção, e não como um ato de vandalismo. No seu bojo, os diversos grafitos descortinam o caráter expressivo das ideologias de seus autores, seja como necessidade de marcar presença, seja como repúdio a outros indivíduos ou a si mesmo. Por fim, é possível dizer que o jovem, através dos tempos, se vê com maior liberdade para expressar questões íntimas das mais diversas formas, nos mais diversos lugares, por meio de atos que, mesmo recobertos pelo anonimato, os tornam exatamente isto: livres.

### **Referências**

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2005.

BARBO, Daniel. *O triunfo do falo: homoerotismo, dominação, ética e política na Atenas clássica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

- BARBOSA, Gustavo. *Grafitos de banheiro: a literatura proibida*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BARBOZA, Rafael de Vasconcelos. *Sentidos e(m) movimento: a construção discursiva de espaços e identidades pelos grafitos de banheiro*. 2018. 164f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- COUY, Vênus Brasileira. *Mural dos nomes impróprios: ensaio sobre grafito de banheiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 7: o chiste e sua relação com o inconsciente*. Tradução de Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Cultura popular na antiguidade clássica*. São Paulo: Contexto, 1989. (Repensando a história)
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- NETO, R. B. Banheiros de Pompéia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Caderno Ciência, 20 set 1992, p. 6.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes. 2010.
- PAIS, José Machado. Prefácio. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- PINHEIRO, Bruno Felipe Marques; MENEZES, Laura Carvalho Fontes; FREITAG, Raquel Meister Ko. Palavras-tabu e efeitos de gênero na leitura. In: LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; FRANÇA, Dalila Xavier de; FREITAG, Raquel Meister Ko. (Orgs.). *Processos psicossociais de exclusão social*. 1. ed. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHA, Misael Benjamim. *Língua, linguagem e linguística*. São Paulo: Baraúna, 2016.

SANTOS, Ludmila Helena Rodrigues dos. *Triste sina ser poeta de latrina: um estudo antropológico/artístico dos grafitos de banheiro*. 2013. 185f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

SILVA, Alexsandra Nascimento da; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Grafitos e tabus nas organizações: um estudo iconográfico em banheiros. *Pensamento Contemporâneo em Administração*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 116-130, jan./mar. 2017.

SPERLING, Christiane. *Sexo forever: corpo, sexualidade e gênero nos grafitos de banheiro em uma escola pública de Porto Alegre*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero), Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2011.

TEIXEIRA, Renata Plaza. *Musa Latrinalis: diferenças sexuais em grafitos de banheiro*. 1998. 145f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v16.n37.16>

Submetido em: 01/07/2024

Aprovado em: 20/08/2024